

## ENSAIO

### SOBRE A UNIVERSIDADE

### ABOUT THE UNIVERSITY

*Leandro de Araújo Sardeiro<sup>1</sup>*

Recebido em: 02/2021

Aprovado em: 06/2021

**Resumo:** O presente ensaio fala sobre o “espírito” universitário e a sua importância para o desenvolvimento moderno da Universidade. Apresenta a questão a partir da adaptação de uma conferência proferida pelo autor em 2010, cuja retomada é justificada pela necessidade atual de rediscutirmos a Universidade e justificar a sua existência como espaço privilegiado de desenvolvimento da inteligência das Nações.

**Palavras-chave:** Saber humano; vivência universitária; Ensino, pesquisa e extensão.

**Abstract:** This essay talks about the university “spirit” and its importance for the modern development of the University. It presents the question from the adaptation of a conference given by the author in 2010, whose resumption is justified by the current need to rediscuss the University and justify its existence as a privileged space for the development of the intelligence of Nations.

**Keywords:** Human knowledge; University experience; Teaching, Research and Extension.

Este é um texto de outro tempo, mas que fala de questões atuais. Um texto que intenta retomar um sentimento e fazer um apelo à reflexão. Nasce de uma conferência apresentada em um evento. Em março de 2010, por ocasião do início do semestre letivo na Universidade Estadual do Piauí, no campus de Picos, o autor e um grupo de colegas de diferentes áreas sentiram que era preciso avivar o nosso “espírito universitário” junto aos nossos estudantes. O nosso campus passava por uma profunda desilusão, parte por causa das suas limitações materiais, parte por causa da política que vinha sendo desenvolvida internamente na instituição. Pensamos que era preciso agir para mudar esse “estado de coisas”. E por isso mesmo, o texto

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia. Professor Assistente na Universidade Estadual do Piauí. Email: [leosardeiro@phb.uespi.br](mailto:leosardeiro@phb.uespi.br)

que se segue aqui teve um ímpeto, de modo geral, “propagandista”. Ele foi apresentado nesse evento, que desde o seu título já esboçava a sua vocação de incitador: “Fórum de abertura do semestre letivo 2010.1: A Universidade que temos e a Universidade que queremos”. Foi um momento de muito aprendizado conjunto e, principalmente, de (re)formação de uma Identidade Universitária (assim mesmo, com letras maiúsculas).

O presente texto não pretende, porém, reviver um acontecimento passado há mais de dez anos. As coisas já não são mais as mesmas em Picos e as pessoas que viveram esse momento já não estão lá. No entanto, é novamente preciso “avivar o nosso espírito universitário”, só que não mais restrito à circunstância de Picos. É preciso, frente às ameaças e condições atuais do contexto universitário brasileiro, que retomemos o ânimo de discutir a Universidade. Mais do que isso, é preciso que nos coloquemos em perspectiva em relação as nossas possibilidades de pensamento para que, em um novo aprendizado conjunto, possamos repensar (em relação ao contexto brasileiro como um todo, desta vez), “A Universidade que temos e a Universidade que queremos”. É com esse espírito que trago novamente à discussão o texto da conferência feita naquele momento, que segue aqui sem alterações significativas<sup>2</sup>.

## I.

Propondo-me falar hoje sobre a Universidade, percebo o tamanho da trajetória que deve ser empreendida. Falar de Universidade é falar sobre o saber, sobre o acúmulo da cultura dos povos no tempo, sobre a transmissão de saberes e técnicas através das gerações e, como se diz nos dias hoje, é falar sobre a união indissociável entre Ensino, Pesquisa e Extensão. Penso, no entanto, que retratar a Universidade dessa maneira não encurta o nosso caminho discursivo. É necessário esclarecer o significado de cada uma dessas rubricas, e então da mesma forma nos voltamos para o início da construção da “inteligência” humana e do espírito dos tempos ocidentais.

Aristóteles, no século IV a.C., observava no livro I da sua “Metafísica”: “Em geral, a possibilidade de ensinar é indício de saber; por isso nós consideramos mais ciência a arte do que a experiência, porque [os homens de arte] podem ensinar e os outros não”. (p. 212). Diferente do que se entende hoje, o termo *Tchné* – comumente traduzido do grego como “arte” – esboça um tipo específico de conhecimento, que deriva da experiência, mas a ultrapassa e chega às causas do fenômeno estudado. Se o trabalhador comum, movido pela experiência,

---

<sup>2</sup> Por se tratar de um texto pensado para ser “falado”, ele guarda muitos traços da oralidade. Decidi, portanto, apresentá-lo do modo como nasceu.

chega tão somente a descrever o “o quê” (o fato ocorrido), aquele movido pela *Tchné* (arte) consegue assenhorear-se desse mesmo “o quê” e chegar ao seu “porquê”, explicando o acontecimento através das suas causas apropriadas. Por essa razão, a “arte” é mais ciência que a experiência, e por isso a possibilidade de ensinar – na concepção de Aristóteles – é indício de saber: pois saber é conseguir explicar um fenômeno qualquer através da sua causa própria, através da sua origem adequada, e não somente em razão da sua utilidade e aplicação.

A partir dessa concepção tão distanciada no tempo a respeito do Ensino é que podemos começar a pensar a Universidade de hoje e a sua explicitação como algo movido por “Ensino, Pesquisa e Extensão”. Se, desses três momentos, o Ensino sempre aparece em primeiro, é porque ele representa o ápice da construção do saber. Ensinar é saber em mais alto grau. E este, por sua vez, é resultado líquido e certo dos outros dois momentos fundadores da Universidade: a Pesquisa e a Extensão. Começar a falar da Universidade é, dessa forma, um olhar que em primeiro lugar se lança para o passado distante, para somente em um segundo momento se afirmar no nosso presente e futuro.

Aristóteles escreveu diversas obras que influenciaram muitíssimo os caminhos da sociedade ocidental e, no entanto, nunca chegou nem mesmo perto de uma Universidade. Essa é invenção muito mais recente e que coroa uma das épocas mais belas e produtivas no que diz respeito ao conhecimento humano, comumente chamada de “Idade Média”. Se recebe esse nome por causa da enorme “treva” que lança sobre o desenvolvimento humano, parece mesmo risível que ela seja a responsável pela invenção de um empreendimento intelectual dos mais importantes da Humanidade, e que hoje se põe em discussão nesse Fórum: A Universidade.

A Universidade medieval, porém, está muito distante da nossa realidade atual. Os nossos tempos são outros. As nossas necessidades também. E as formas de inter-relação do conhecimento se transformaram bastante. A Universidade de outrora era um ambiente de desenvolvimento humanista. Os “*clerics*” que nela se inseriam tinham como responsabilidade mais importante a elevação da sua capacidade intelectual ao mais alto nível. Os estudos eram dirigidos pela perseverança na compreensão dos problemas que se apresentavam à Fé cristã e aos embates desenvolvidos no seio da Filosofia. Os livros eram raros e poucos; mais de século separava a Universidade da imprensa de Gutenberg. O acesso à informação era controlado. Isso fazia com que a oralidade fosse a maior ferramenta pedagógica e as *Questões disputadas* – espécie de exercício de debate intenso em torno de algum ponto controverso da doutrina – constituíam a maior atração dentre as muitas das rotinas acadêmicas na Universidade. O aces-

so à Universidade significava um acesso privilegiado à cultura do momento, dando àquele ingressante um *status* diferenciado em relação aos demais, por fazer parte de uma elite intelectual diferenciada de todas as outras surgidas até então na História do saber institucionalizado.

É desse quadro histórico que a Universidade tira o seu direito de se apresentar como a maior representante institucional da “Vida espiritual das Nações”. A Universidade de hoje deve muito a essa realidade que se mostrava como algo “enclausurado em uma torre de marfim”. Ao passo que busca se desvencilhar dessa imagem elitista, ressent-se – e muito – da perda do seu significado, da perda da sua memória e do respeito que detinha outrora. A Universidade medieval formava o “*clerc*”. Aquelas que seguiram o seu modelo, formaram o “*lettré*”, o “*gentleman*” e o “*Gebildeter*”. A Universidade na sua compreensão mais recente forma o “Profissional”.

Não estamos mais na Idade Média. O Humanismo não se apresenta como algo de muita importância. As relações de produção se transformam, a sociedade avança na direção da tecnologia e da informação, e dessa forma surgem outros contextos com os quais a Universidade deve se deparar. Anísio Teixeira (1977) observa como a Universidade passa por uma grande transformação. Do seu isolamento, movido pela maturação do saber pelo saber, passa para a confluência com a sua realidade, abraçando a responsabilidade do desenvolvimento, e assumindo-se não somente como espaço de pesquisa pura e básica, mas também como espaço de pesquisa “dirigida e aplicada para o desenvolvimento e defesa nacional” (TEIXEIRA, 1977, p. 227). No seu entendimento, a Universidade já tem outra missão. Agora ela se transforma: de espaço de resistência do saber pelo saber, tornou-se campo de soluções para uma sociedade em constante industrialização, movida pela complexidade, contradição, coletivizações, antagonismos e, em maior escala, profissionalização. Para esboçar esse estado de coisas, Anísio Teixeira se utiliza de termo talhado por um estudioso<sup>3</sup> do seu tempo: *Multiversidade*.

Essa compreensão acerca da questão da Universidade moderna é algo bastante coerente. Quem caminha por entre os prédios de um grande *Campus* Universitário percebe de imediato a diferença existente entre tudo aquilo e a “comunidade” que existia no período medieval, e que recebeu o nome de *Universitas*. A Universidade moderna é movida por interesses diversos, associados à formação de intelectuais, técnicos, desenvolvimento de patentes, construções de formas coletivas de difusão do conhecimento ali produzido, aprimoramento das for-

---

3 Trata-se do “presidente Kerr”, da Universidade da Califórnia em 1963. O termo “multiversity” teria sido utilizado no seu livro intitulado *The uses of the University*, Harvard University Press, 1963.

mas burocráticas de organização da verba aplicada em todo aquele empreendimento etc. Isso sem falar na questão propriamente humana, que resulta no surgimento de diversos tipos de professores, estudantes e funcionários. Estudantes preocupados somente com questões políticas, e outros somente com a sua pesquisa de iniciação científica ou doutorado. Professores preocupados em aprimorar a sua prática didática para compreender os seus estudantes, ou outros alucinados em publicar resultados científicos e obter respaldo para o financiamento de novos projetos, construções e promoções. Funcionários deslumbrados com o poder que lhes é concedido, ou subservientes a uma estrutura hierárquica cada vez mais rígida e caduca.

A “Multiversidade” abrange como um todo a construção de saber especializado de ponta, de aperfeiçoamento de técnicas e procedimentos, a preservação do patrimônio cultural e intelectual nos seus acervos, a difusão da cultura erudita e popular, a transformação do seu entorno, a criação de novos produtos e estratégias para o Mercado, a reinvenção da própria concepção de “Mercado”, e tudo isso associado às preocupações permanentes com construção de estruturas e renovação de equipamentos. Preocupada também com a expansão dos meios de convivência humana no seio da instituição e com os meios de informação da sociedade acerca de tudo aquilo que se passa dentro dos seus muros e das suas salas de aula.

Apesar de tudo isso se dar em contextos muito específicos, não é o próprio “fato” da “Multiversidade” que a justifica e lhe dá origem. É preciso, para que esse “fato” da “Multiversidade” ocorra, que haja um amadurecimento da Universidade, para que ela tenha consciência de si própria e das suas possibilidades. É preciso que, em busca do seu aprimoramento, a Universidade possa alçar a sua liberdade e o seu ímpeto transformador ao ponto mais alto. Acredito que, se a Universidade já não é mais aquela dos tempos medievais, ela guarda – e deve fazê-lo – algo que mesmo a “Multiversidade” traz no âmago da sua própria compreensão, mesmo se em muitas das suas instâncias ela seja movida por interesses diversos. Esse algo é a autodeterminação em vista do melhor. O melhor se diz aqui de modo substantivo e adquire qualquer significado somente em vista da autocompreensão da instituição universitária enquanto UNIVERSIDADE. É algo que nasce da vontade de saber, e que só se expressa pela liberdade. E essa liberdade só se desvela aos moldes do pensamento que funda as Universidades alemãs, enquanto *Lernfreiheit* (liberdade de aprender) e *Lehrfreiheit* (liberdade de ensinar). É uma liberdade que passa também pela autogestão dos seus recursos, através da desburocratização do acesso aos equipamentos, aos acervos, aos financiamentos e aos diversos tipos de bolsas, seja para estudantes, seja para professores. Desburocratização que assuma a possibilidade de “permitir maior atividade e responsabilidade dos escalões inferiores”, conforme

defende o professor José Arthur Gianotti, em texto de 1979. É uma liberdade que não reconhece no neófito um “aluno”, mas um igual.

\*\*\*

O contexto universitário brasileiro é algo que não nasceu de uma tradição específica. Ele se forma de modo variado a partir de diversos matizes sobre o pensamento educacional do restante do mundo. Diferente da *Universitas* medieval, a formação geral do estudante brasileiro está reservada para o nível médio, seguindo o modelo francês. São nos estudos secundários<sup>4</sup> que se dão a conhecer as verdades mais ancestrais do “espírito das nações”, reservando para a Universidade o papel de especialização em vista da “profissionalização”.

Essa pode ser a grande pedra de toque da genialidade da educação brasileira, bem como pode ser a responsável pela sua desdita. Como resultado dessa concepção, muitos dos benefícios da Universidade podem se degenerar em prejuízos, e então é preciso traçar muito bem a forma de se compreender essa “profissionalização”.

Em primeiro lugar, uma idéia equivocada de “profissionalização” pode levar a um desvirtuamento do que seja de fato um “profissional”. Se já não temos mais espaço para os “clerics”, isso não significa dizer que o egresso da Universidade não deva ser alguém minimamente formado para as transformações sociais, econômicas e conjunturais do nosso contexto mais amplo. Dominar esta ou aquela técnica específica de nada valerá nos momentos em que os próprios instrumentos utilizados se tornarem obsoletos, os conceitos de base se transformarem e as verdades até então aceitas forem jogadas no esquecimento.

Em segundo lugar, visualizar a Universidade como espaço de “profissionalização” também não deve significar a busca por conhecimentos puramente aplicados em contextos profissionais cada vez mais específicos, moldados por necessidades pontuais, em detrimento dos conhecimentos “sem utilidade imediata”, constituídos pelas humanidades em geral e pela Filosofia em particular.

Transformar a Universidade em transmissora de técnicas prontas e acabadas não é transformá-la em ambiente de “profissionalização”. Antes disso, pode-se dizer que é acabar com a possibilidade de se surpreender com a genialidade inusitada de certos estudantes, com o inesperado das situações não descritas naquele manual específico e é acabar, sobretudo, com o espírito de pesquisa que a Universidade moderna traz no seu bojo, mesmo quando se debruça

---

4 No que diz respeito ao Ensino Médio, Cf. a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, nos artigos 35 e 36. Sobre o Ensino Fundamental, Cf. os artigos 32, 33 e 34. E sobre a Educação Superior, Cf. os artigos 43 a 57 da mesma lei.

sobre o Ensino ou sobre a Extensão, dentre o elo de Ensino, Pesquisa e Extensão que a compõe. Ainda que voltada para a preocupação de “profissionalizar” o seu corpo estudantil, a Universidade deve sempre ter em mente a sua tarefa de constituir-se em “foro privilegiado de construção de conhecimento livre e desinteressado”. Isso se dá somente com uma formação do estudante, que encontra então meios de desenvolver as suas competências, através da elaboração individual de conteúdos, através da apropriação de conhecimentos já elaborados e através da transformação do conhecimento pré-existente em todos os seus níveis, seja esse erudito ou popular. E isso se dá pela pesquisa. Por isso concordo com o professor Reginaldo Correa de Moraes, quando diz:

O que é um professor que não está constantemente investigando e informando-se a respeito de problemas e novidades de sua disciplina (inclusive dos métodos alternativos que têm sido utilizados para o ensino dessa disciplina)? É muito possível (é mesmo provável) que esse professor também não ensine bem. Em todo o caso, deslocando foco do nível estritamente individual, é certo que uma universidade que não pesquisa também não ensina bem. E parece mais do que evidente: universidade que não pesquisa não produz extensão de boa qualidade. Pode produzir, é claro, “picaretagem” bem paga, o que é outra coisa, e de curta duração. (MORAES, 2002, p. 43).

É por essa vocação para a pesquisa que a Universidade enquanto Universidade consegue construir-se, e deve-se cuidar para que seja essa a “pedagogia” que impulsiona o espírito de “profissionalização”. Afinal, Paulo Freire deixa muito claro na sua “Pedagogia da autonomia” que: 1) Não há docência sem discência; 2) Ensinar não é transferir conhecimento; 3) Ensinar é uma especificidade humana. É também essa vocação que surge na fala do professor Anísio Teixeira, em discurso pronunciado em 1935, quando da solenidade de inauguração dos cursos da Universidade do Distrito Federal, dizendo:

A função da Universidade é uma função única e exclusiva. Não se trata, somente, de conservar a experiência humana. O livro também a conserva. Não se trata, somente, de preparar práticos ou profissionais, de ofícios ou artes. A aprendizagem direta os prepara, ou, em último caso, escolas muito mais singelas do que as Universidades. Trata-se de manter uma atmosfera do saber para se preparar o homem que o serve e o desenvolve. Trata-se de conservar o saber, o saber vivo e não morto, nos livros ou no empirismo das práticas não intelectualizadas. Trata-se de formular intelectualmente a experiência humana, sempre renovada, para que a mesma se torne consciente e progressiva” (*apud* FAVERO, 1999, p. 250).

Em relação ao segundo ponto, entender a Universidade como espaço de “profissionalização” também não deve significar enclausurar-se em laboratórios e bibliotecas somente em

busca de conhecimento de aplicação imediata. Como observa muito bem o professor Otto Maria Carpeaux, é sobre o “conhecimento sem utilidade” que se lançam os instauradores de regimes ditatoriais no momento que ascendem ao poder. É sobre a “inútil” Filosofia, a História, as Artes, as Letras e suas irmãs que pesa o gládio forte do usurpador, sabendo que não há o que temer dos aceleradores de partículas, dos mapeamentos genéticos, dos melhoramentos vegetais, dos novos motores de combustão interna e de todo o tipo de conhecimento aplicado das diversas ciências “úteis”.

Se há um lugar ao sol no qual se deve buscar o saber desinteressado, esse lugar é a Universidade. Se há um lugar no qual existe a oportunidade de se aprender aquela língua estranha que nunca mais você verá, ler aquele texto esdrúxulo e complicado que não tem relação alguma com a sua prática usual, defender aquela teoria inusitada e nunca antes pensada (derivada certamente dos seus estudos solitários e noturnos), se há um lugar no qual se podem negar velhas soluções a problemas conhecidos e propor outras novas, inventando apetrechos e técnicas absurdas e ridículas aos olhos do homem cotidiano, se há um lugar no qual você pode passar o dia inteiro, comendo o que der certo, vestindo aquela camiseta desbotada, discutindo aquela teoria nova até convencer-se dela, ou somente vislumbrando a sombra do cajueiro e perdendo-se na poesia da sua imensa beleza, esse lugar é – sem dúvidas – a Universidade.

E para concluir, gostaria somente de lembrar a forma como Otto Maria Carpeaux<sup>5</sup> exprime muito bem essa situação, quando nos diz:

Quatro ou cinco faculdades reunidas não constituem ainda uma universidade. Elas não criam esta “convivência de ciências, que forma o hábito filosófico da mente<sup>6</sup>”, de que fala o cardeal Newman. Não se trata destas ciências ou daquelas profissões. Trata-se do espírito comum que as anima, do espírito filosófico, antiutilitário, desinteressado, que as nossas universidades perderam, e que é a própria Idéia de Universidade. Derrubemos, pois, este estado de coisas (CARPEAUX, 1999, p. 218).

## Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Metafísica*: Livros I e II. Tradução direta do grego por Vincenzo Cocco e notas de Joaquim de Carvalho. São Paulo: Victor Civita, 1973 (Os Pensadores, IV).

CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio reunidos: 1942-1978*. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 1999.

FAVERO, Maria de Lourdes de A. A Universidade, espaço de pesquisa e criação do saber.

---

5 Cf. CARPEAUX, A idéia da Universidade e as idéias das classes médias In: CARPEAUX, 1999, p. 211-218.

6 Em inglês no original: “Convivence of sciences, wich forms a philosophical habit of mind”.



*Educação e Filosofia*. Uberlândia. v. 13, n. 25, p. 249-59, jan./jun., 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GIANOTTI, José Arthur. Notas intempestivas sobre a questão da Universidade. *Estudos CE-BRAP*. 1979.

GUSDORF, Georges. *Professores, para quê?* Lisboa: Livraria Moraes, 1967 (Psicologia e Pedagogia).

MORAES, Reginaldo C. Corrêa; GHISOLFI, Juliana do Couto; SILVA, Maitá de Paula e. *Universidade no Brasil, 2002: Problemas e Dilemas*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002. (Primeira Versão, 110).

RICOEUR, Paul. Prefácio. In: DRÈZE, Jacques; DEBELLE, Jean. *Concepções da Universidade*. Fortaleza: Edições da UFC, 1983.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação e o Mundo moderno*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.